

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora

Class.: 1080

Data: 23.09.90

Pg.: \_\_\_\_\_

# Caingangues, índios quase brancos que ainda amam o Sol

□ O abandono a que estão entregues prevê sua extinção em breve. Mas eles sofrem mesmo é com a mutilação crescente de sua cultura

**MARIELISE FERREIRA**

Central do Interior/ZH

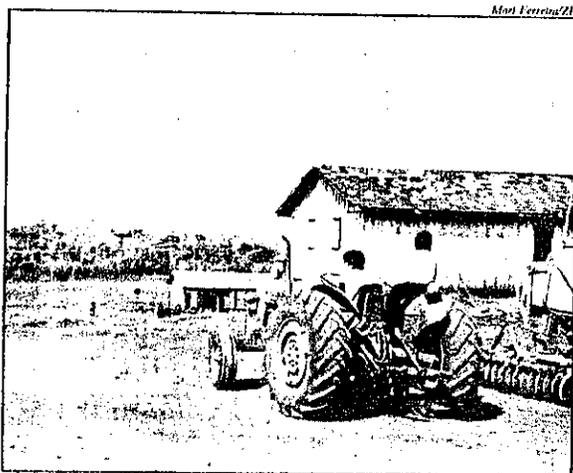
Uma placa marca a entrada da Reserva Indígena de Nonoai, a dez quilômetros da cidade. No entanto, ela é desnecessária para anunciar que se está próximo de um lugar onde o desenvolvimento ainda não chegou.

A paisagem de lavouras mecanizadas e acessos bem cuidados, característica da região, é substituída repentinamente por uma estrada precária, que divide a extensa área de terra indígena, completamente desmatada. A desolação e o abandono do local são vistos à distância. A terra queimada e sem produção denuncia a realidade do índio hoje: marginalizado e sem apoio do Governo.

No mês de setembro, época de plantio do feijão e do milho, o fantasma da falta de recursos começa a amedrontar os índios que vivem na reserva de Nonoai. Desde o mês passado, em grupos de dez, os caingangues e guaranis preparam a terra para o cultivo, sem saber se terão as sementes para o plantio. Com a falta de auxílio do Governo Federal, os índios recorriam às empresas de Chapicó, Santa Catarina, onde retiravam sementes através do sistema troca-troca. Para cada saco de sementes, devolviam nove após a colheita.

O cacique José Orestes Nascimento, o Peri, lamenta a exploração do comerciante branco sobre o índio, e conta que a produtividade alcançada pela reserva nunca é suficiente para pagar o que devem. "No ano passado, retiramos 400 bolsas de trigo, mas a semente não era boa e só colhemos 500 sacos. A reserva tinha que devolver 3.600 sacos de semente. Ficamos devendo muito", queixa-se ele.

Este ano, a situação é ainda pior. Os comerciantes não vendem mais as sementes para a reserva e resta apenas a verba que a Funai libera anualmente — este ano serão apenas Cr\$ 270 mil, que fazem parte do projeto para compra de sementes e auxílio aos índios mais carentes. Os caingangues trabalham nas lavouras comunitárias, e o resultado é destinado à alimentação de suas famílias durante o ano. Dos 14.910 hectares de terra



Reserva: Peri preocupado com as sucatas usadas pelos índios

da reserva, apenas cerca de cinco mil são cultivados com plantações de milho, feijão, soja e arroz.

**PEDIDOS** — A maior crítica do cacique Peri é dirigida ao presidente Collor de Mello. "Ele prometeu muita coisa, apareceu ao lado do índio, mas até agora não mudou nada. Nosso povo continua abandonado, sem ajuda nenhuma. Se um índio quer financiamento para o plantio da lavoura, não consegue", resalta Peri. E acrescenta: "Se nos forçarm a adquirir a cultura do branco, então precisamos nos tratar como brancos, dando as mesmas condições de vida, as mesmas chances".

A reserva de Nonoai pediu 250 juntas de boi e 250 arados e carroças para melhorar o trabalho nas terras, mas Peri diz que "na verdade precisaria mesmo é de uns 20 tratores

para fazer um bom trabalho". Atualmente, a reserva possui três tratores de uso comunitário, que foram adquiridos através do arrendamento de terras, posteriormente proibido pela Funai.

Quando o cacique Peri fala dos planos que tem para a aldeia, sonha sempre com o aumento da produtividade: "Se tirássemos 150 mil sacos de milho destes cinco mil hectares, dava para começar a reforma da aldeia". Depois ri, ao lembrar que "índio não vota, então só pode ser sonho". Os caingangues preferem viver e trabalhar comunitariamente, em parte pela tradição do seu povo e, em outra, porque "se cada índio tivesse que prover o próprio sustento, muitos estariam passando fome", afirma Peri. O cacique alerta que, se o Governo não mudar o sistema de tratamento, o povo indígena corre o risco de extinguir-se aos poucos.

## Esforço é para preservar ao menos a língua

O abandono do Governo não é o único problema na reserva de Nonoai. Existe ainda a mágoa de admitir que "o índio está perdendo a identidade". O cacique Peri lembra que o hábito dos antepassados, que alimentavam-se da caça, pesca e frutos, hoje é apenas uma lembrança. O clima do lugar não é propício e, além disso, "as grunjas jogam veneno nos rios e matam nossos peixes. O fôg — homem branco na língua caingangue — destrói nossa terra, engole a nossa cultura, não dá chance ao índio", diz o cacique.

Peri insiste que trabalhar na terra não é o costume do caingangue. "Contra a nossa vontade, estamos pegando a cultura do branco e perdendo a identidade, sufocados pelos costumes do fôg", lamenta. "A língua é a única coisa que ainda podemos preservar", afirma o cacique, contando que na escola monitores da própria reserva ensinam os pequenos índios a ler e escrever nas línguas caingangue e guarani.

São 96 crianças, desde o maternal até a quinta série. Alguns deles, no entanto, desistem antes mesmo de serem alfabetizados. Os professores se reúnem com os pais e salientam a

importância do estudo para as crianças, mas o cacique diz que a maior causa da evasão escolar é a necessidade que os pais têm de ajuda durante a época do plantio e colheita nas lavouras. E, quando a sobrevivência está em jogo, a escola fica sempre em segundo plano.

**SOFRIMENTO** — Ao mesmo tempo em que assimilou o modo de vida do homem branco, o índio adquiriu também suas doenças, vícios e até as mesmas formas de cura. O remédio caseiro deu lugar à assistência médica através da Funai. O álcool é um vício que tem mudado a vida de muitos índios — para pior —, levando-os de um estado de abandono à degeneração. Muitos vêm de outras reservas em busca de atendimento, e aglomeram-se em frente ao gabinete odontológico e posto de saúde. Mais do que o branco, o índio sofre com o inverno. Em julho, a reserva perdeu cinco crianças e dois adultos, que não resistiram às doenças respiratórias.

Morando há 28 anos na reserva de Nonoai, o cacique Peri se orgulha de

ter conseguido pelo menos preservar a hierarquia da raça caingangue. O cacique é a autoridade máxima, seguida pelos coronéis, capitães e soldados, respectivamente por tarefas distintas na comunidade indígena. "Também temos nossa polícia e nossas leis", brinca Peri, satisfeito com o número de índios que aos poucos aglomeram-se na "prefeitura" do posto indígena, um casbre constituido de poucas salas, a maioria sem móveis, e que é aberto para receber os jornalistas.

A reserva reflete outros costumes adulterados. A oca, que aparece nos filmes de cowboy, é substituída por casas comuns, feitas de madeira. Há também uma igreja, "construída pelos brancos", e que, segundo o cacique, serve para reunir os índios em comemorações. Em meio a tanta aculturação, Peri frisa que os deuses dos índios "ainda são os da natureza", e aponta para o Sol que se põe no final de tarde, indicando o término de mais um dia útil no calendário dos brancos. Para os índios, entretanto, aquele pôr-do-sol não muda nada. "Porque aqui, sim, todo dia é dia de índio", completa o cacique.